

BRINCAR E CONTAR HISTÓRIAS, RESGATES NECESSÁRIOS

Jane Marí Paim

Centro Universitário Anhanguera de Campo Grande Unidade I

jane.paim@anhanguera.com

EDUCAÇÃO DA INFÂNCIA: BRINCAR E CRIAR NOS ESPAÇOS INSTITUCIONAIS

Comunicação Oral

“ Que cordeiros iremos preparar para tantos lobos ...” MEIRELES, 1979, p.104

RESUMO: As crianças brasileiras brincam menos de duas horas por dia ao ar livre - fora de casa, mesmo tempo disponível para o banho de sol de um preso. A constatação chocante foi resultado de uma pesquisa realizada pela OMO, chamada Valor do Brincar. O trabalho dirigido por Edelman Berland, da agência independente de pesquisa de marketing, ouviu doze mil pais de crianças de 05 a 12 anos, de dez nações - EUA, Brasil, Reino Unido, Turquia, Portugal, África do Sul, Vietnã, China, Indonésia e Índia-, de fevereiro a março de 2016, para conhecer o que os pais pensam sobre a brincadeira ao ar livre e como é o dia dos seus filhos. Os dados dessa pesquisa chocam porque são recentes. Mas há outros que vêm se mantendo ao longo do tempo e já não causam estranheza, mas são tão importantes de serem discutidos quanto o do brincar, por exemplo, a leitura de livros infantis e a formação de leitores. Resgates... Há muitas questões que a tecnologia não supera e que deveria estar entre as escolhas da família de hoje: além do brincar, a leitura de textos infantis e a ciência de que a responsabilidade na formação dos filhos é da família!

Palavras-chave: Brincar. Leitura. Formação dos filhos.

As crianças brasileiras brincam menos de duas horas por dia ao ar livre - fora de casa, mesmo tempo disponível para o banho de sol de um preso. A constatação chocante foi resultado de uma pesquisa realizada pela OMO, chamada Valor do Brincar. (http://www.dirtisgood.com/br/truth-about-dirt.html?gclid=CKL_IYSZlswCFYpZhgodWNMAnQ;ALEGRETTEI, 2016).

O trabalho dirigido por Edelman Berland, da agência independente de pesquisa de marketing, ouviu doze mil pais de crianças de 05 a 12 anos, de dez nações - EUA, Brasil, Reino Unido, Turquia, Portugal, África do Sul, Vietnã, China, Indonésia e Índia-, de fevereiro

a março de 2016, para conhecer o que os pais pensam sobre a brincadeira ao ar livre e como é o dia dos seus filhos.

Outros dados relevantes foram levantados no estudo publicado amplamente nos sites da marca e nas páginas amarelas da Revista Veja (ALEGRETTI, 2016)

A primeira conclusão é de que 56% das crianças brincam ao ar livre uma hora ou menos; uma em cada 5 crianças passa 30 minutos ou menos ao ar livre; e uma em cada 10 nunca brinca ao ar livre. E ainda pior, as crianças passam 50% a mais do seu tempo em frente às telas dos eletrônicos do que ao ar livre.

O segundo ponto refere-se aos pais: dois terços admitem que seus filhos brincam menos ao ar livre do que sua própria geração; 56% concordam que é preciso reequilibrar a rotina das crianças para fazer com que as brincadeiras que trazem benefícios para o crescimento possam acontecer; e 93% deles acreditam que brincar menos a ar livre afeta o aprendizado dos filhos. (Valor do Brincar, 2016).

Os dados dessa pesquisa chocam porque são recentes. Mas há outros que vêm se mantendo ao longo do tempo e já não causam estranheza, mas são tão importantes de serem discutidos quanto o do brincar, por exemplo, a leitura de livros infantis e a formação de leitores.

Conforme pesquisa Ibope/Pró-Livro (2012) divulgada pela revista Company'sul, no site <http://eraumavezuem.blogspot.com.br/>

[...] 77 milhões de pessoas não leem livros regularmente, ou seja, 92% da população brasileira não tem o hábito da leitura. Dos 8% que leem, a maior parte são mulheres e o livro preferido dos adultos segue sendo a Bíblia Sagrada. No Brasil a cada ano são lidos 4,7 livros por pessoa, enquanto na França a média passa de 10.

Esses dados são consequência de vários fatores, entre eles, o fato de que o adulto de hoje – avesso à leitura – não desenvolveu o hábito da leitura na infância.

Há que se rever, neste ponto – a família – antigamente, tínhamos uma realidade muito diferente: famílias numerosas – não havia controle da natalidade-, pais com inúmeras atividades para dar conta da manutenção dos seus, muitos analfabetos, sem acesso a informações passavam à escola a responsabilidade da educação dos filhos.

Hoje, os casais fazem uma opção: ter ou não, filhos. E se optam por tê-los, são em número reduzido. Têm acesso à informação e conhecem muito do que é importante para a formação dos filhos. Mas os problemas são outros: persiste a falta de tempo; à necessidade de segurança, limita-se às atividades e aos espaços; o computador, televisão e celular ocupam o tempo que sobra depois do inglês, da ginástica, da música; prima-se pela ocupação por qualquer meio – quando a escola decreta feriado prolongado é uma tortura porque os pais não sabem o que fazer com os filhos em casa. E neste contexto, a paciência é curta; brincar é um verbo que não existe; e ler está em desuso.

Resgates... Há muitas coisas que a tecnologia não supera e que deveria estar entre as escolhas desta nova família: além do brincar, a leitura de textos infantis (SOUSA E GOMES, 1994; GONZÁLEZ ALVAREZ, 2000; apud BALÇA, 2008).

O psicólogo James Hillmann afirma que a pessoa que leu histórias ou para quem leram histórias na infância “está em melhores condições e tem um prognóstico melhor do que aquela à qual é preciso apresentar histórias [...]”Chegar cedo na vida já é uma perspectiva de vida (Manguel, 1997, p. 23, apud PAIM, 2000).

Fanny Abramovich, autora do livro *Literatura Infantil*, escreve que seu primeiro contato com o mundo mágico das histórias aconteceu quando ainda era muito pequena, ouvindo a mãe contar algo bonito todas as noites. Depois, a volúpia de poder ler sozinha, de mergulhar no mundo mágico das letras pretas que remetiam a tantas histórias fantásticas (1997, p. 11).

Ler, para mim, sempre significou abrir todas as comportas para entender o mundo através dos olhos dos autores e da vivência das personagens... Ler foi sempre maravilha, gostosura, necessidade primeira e básica, prazer insubstituível... E continua, lindamente, sendo exatamente isso! (1997, p. 14)

O primeiro contato da criança com o texto se dá através da oralidade. O pai, a mãe, os avós, contando ou lendo histórias. Mesmo em contextos onde o livro não é familiar com pessoas que não dominam a leitura escrita, contar histórias aproxima, estreita laços de afeto. Além disso, possibilita a descoberta de um mundo imaginário: a resposta para tantas questões, a identificação com personagens, emoções diversas, outros lugares e pessoas.

Ouvir histórias é de extrema importância para a formação da criança e do leitor. “Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e compreensão do mundo.” (ABRAMOVICH, 1997, p. 16).

Remonta ao início da civilização o ato de contar histórias. Nele se perpetua a literatura oral, registrando os fatos e atos dos povos. Contar e ouvir satisfaz a sede de conhecimento e instrução que é característica do ser humano.

O gosto de contar histórias é idêntico ao de escrever”, diz Cecília Meireles (1975, p. 42). O gosto de ouvir é como o gosto de ler. Segundo ela, as bibliotecas antes de prenderem as vozes nos livros, foram vivas e humanas.

Mesmo com o advento da imprensa, a prática do contar histórias permanece na literatura tradicional: na cantiga de ninar, nas parlendas, nas falas dos jogos.

Antigamente (e felizmente em algumas famílias ainda acontece) a família se aconchega para contar e ouvir histórias. Esse traço de afeto era vital para a formação da criança e também do leitor. O livro vem suprir o convívio e as histórias cantadas - em função dos tempos modernos, em muitos lares abolidas (MAGALHÃES E ALÇADA, 1988).

Hoje, não se presenteia uma criança com livros. Um brinquedo é mais eficaz. O primeiro, toma tempo, exige proximidade. O segundo, é o tempo da escolha e do entregar. Rápido. Eficiente. Aliás, dar um livro a uma criança hoje, numa família que não tem relacionamento estreito com livros é pedir briga. Aliado a isso, com um brinquedo a criança brinca sozinha.

O hábito de leitura se forma antes mesmo do saber ler - ouvindo histórias se treina a relação com o mundo. Conhece, questiona, avalia, critica, emociona-se, penaliza-se, identifica-se com personagens, lugares e situações.

É pré-condição para a criação do hábito da leitura, a prática regular. E os modelos do meio - família, escola, amigos, são incorporados com mais facilidade. O hábito concretiza-se se fundado no prazer, interesse, necessidade, benefício que o leitor tiver com os livros. Nessa ordem!

Paralelamente ao contar histórias, os pais devem proporcionar desde cedo, o contato da criança com os livros, contemplando gravuras e nominando-as. Assim, junto com a linguagem, a criança desenvolve a afeição pelo livro. Mostrando também as palavras associadas à gravura, a criança já está desenvolvendo um “vocabulário ocular”. Mesmo depois de alfabetizada, os pais continuam sendo de grande importância no processo de formação do leitor, interessando-se pelas leituras feitas e emocionando-se com elas. Os pais devem ter claro que o seu modelo - exemplo - é decisivo. Se gostarem de ler, com certeza, seus filhos serão leitores. É a prática. É o cotidiano lento do ver, ouvir, conviver com a prática de leitura que vai formando leitores.

Martha Medeiros, cronista gaúcha conhecida no país inteiro pelos seus escritos – principalmente a partir de Lilian Cabral que transformou sua obra *O Divã*, em peça de teatro, filme e série, em cartaz por mais de dez anos -deu entrevista no programa *Mais Você*, no dia 25 de abril, ratificando o binômio leitura e família. “Eu gostava muito de ler. Esse foi o grande diferencial: a leitura e a minha família. Muito cinema. Muita música. Eu tinha um ambiente familiar muito propício para o desenvolvimento da sensibilidade”. (MEDEIROS, 1016).

E se aprende pelo exemplo! O que somos, a forma como agimos, os valores que desenvolvemos, o trejeito, o virar dos cabelos, o andar, tudo vem das nossas raízes. Nada surge do nada. Quando revisitamos a nossa história, com olhos mais atentos, verificamos que há uma razão lógica para tudo. O que vivenciamos, o que aprendemos, as pessoas com quem convivemos, aparecem nas nossas atitudes, na nossa fala e na nossa vida.

Na verdade, os pais são um modelo com um papel decisivo, uma vez que se eles forem leitores regulares, certamente conseguirão fomentar nos filhos a curiosidade pela leitura e o desejo de lerem. De facto, a interiorização da ideia de que a leitura é uma actividade quotidiana e o crescimento da criança numa família que valoriza o livro, são aspectos que concorrem para que a criança possa ter uma maior tendência e uma maior motivação para a leitura (GOMES, 1996; SANTOS, 2000; apud BALÇA, 2008).

Lya Lut antes de aprender a ler, ouvia histórias. Considerava esse o melhor dos brinquedos. Era o jogo que queria jogar quando capaz, inventando gente e brincando com palavras “essas conchas demúsica que me assustavam ou divertiam, rolando de um lado para outro em meu pensamento”. A sua literatura recebeu influência dos contos de fadas com seus

condenados, suas bruxas, o sofrimento como preço de qualquer alegria, e do Velho Testamento para crianças, com tremendos desenhos de bico de pena “ um Deus de olhos satânicos assentado em nuvens de trovão” (LUFT, 1996, p.132-133; GONZÁLEZ ALVAREZ (2000), apud BALÇA, 2008; PAIM, 2000)

A criança já nasce leitora da vida, na descoberta de tudo o que a rodeia. Já percebe as gentes, o cenário, as cores, as luzes. E vai se construindo na medida das suas descobertas. As cantigas de ninar, as narrativas dos contos de fadas, das histórias de família, tudo vai contribuindo na sua formação. Ela é poesia, imaginação, expectativa, ansiedade. Entra na escola com o coração aos pulos, nesse mundo todo novo que a envolve. Vai perdendo com o passar do tempo, a poesia, a imaginação... no meio das letras e das obrigações. E o coração se acalma entre a cadeira e a classe, conforma-se, ajeita-se. No final, ainda resta o recreio para o riso, a parceria, a troca.

Cabe à família a mudança deste cenário. Oportuna assim, a fala magistral de Guimarães Rosa:

O senhor... Mire veja: o mais importante e bonito do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas - mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso me alegra, montão. (Rosa, 1965, p. 20-21)

Grande parte da responsabilidade na formação da criança transferiu-se ao longo da história, da família para a escola. Esse dado fornecido pela pesquisa, volta os nossos olhos novamente para a família, como meio formador da criança, por conhecê-la muito mais do que os professores; por ter sob seu égide necessariamente um tempo muito grande com seus filhos e esse tempo precisa ser revisto, precisa ser de qualidade sob pena de comprometer a vida dos seus. A criança que não teve experiência de ler histórias, de brincar no parque, de curtir e partilhar momentos divertidos e interessantes com a família e amigos, com certeza será um adulto comprometido e mais, vai fazer igualzinho com seus filhos.

Nesse contexto, corroboramos as ideias de Berland:

É com brincadeiras que as crianças aprendem a sociabilizar-se, conhecem as regras da cooperação e da competição, recebem estímulos à imaginação. Essas capacidades são ainda mais importantes quando viramos adultos. São características das quais nossas economias dependem hoje em dia. (ALEGRETTI, 2016)

Ter liberdade para brincar, explorar o mundo e se sujar não é só divertido, mas algo essencial para o futuro das crianças, diz o site do Valor do Brincar (2016). E a certeza de que estaremos enquanto família, propiciando plenas condições aos nossos filhos de estarem no mundo em condições de viver com dignidade – nem lobos nem cordeiros- pessoas!

REFERÊNCIAS:

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo : Scipione, 1997.

ALEGRETTI, Fernanda, “A criatividade nasce da diversidade”. InRevista **Veja**: São Paulo edição 2474, ano 49, nº. 16, p. 15-19, de 20.04.2016

BALÇA, Angela. **O papel da família na formação do leitor**. 2008. Disponível em <http://www.portaldacrianca.com.pt/artigosa.php?id=48>; acesso em 23.04.2016

IBOPE PRO LIVRO Disponível em <http://eraumavezuem.blogspot.com.br/>; acesso em 23.04.2016

GOMES, José António. **Da Nascente à Voz – Contributos para uma Pedagogia da Leitura**. 1ª ed. Lisboa: Caminho, 1996

GÓMEZ DEL MANZANO, Mercedes. **A criança e a leitura. Como fazer da criança um leitor**. Porto: Porto Ed, 1988

GONZÁLEZ ALVAREZ, Cristóbal. **Estrategias y procedimientos para fomentar la lectura en la familia y en la escuela. Lenguaje y textos**. 15. Universidade da Coruña, 71-80, 2000

LUFT, Lya. **O rio do meio**. São Paulo : Mandarin, 1996

MAGALHÃES, Ana Maria & ALÇADA, Isabel. **Ler ou não ler eis a questão**. Lisboa: Caminho, 1988

MANGUEL, Alberto. **Uma história de leitura**. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997

MARQUES, Ramiro. **Ensinar a ler, aprender a ler**. 5ª ed. Lisboa: Texto, 1993

MEDEIROS, Martha. **Entrevista** concedida no programa Ana Maria Braga em 20.04.2016; Disponível em <http://globoplay.globo.com>. Acesso em 20.04.2016

MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil**. São Paulo: Sumus, 1979.

PAIM, Jane Marí. **Da sedução do professor pela literatura à sedução do aluno**. Ijuí, RS: 150 p. Dissertação (Mestrado em Educação nas Ciências) - Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE, Universidade de Ijuí, RS 2000.

ROSA, Guimaraes. **Grande Sertão Veredas**. 4 ed. Rio de Janeiro. Olympo, 1965.

SANTOS, Elvira Moreira. **Hábitos de leitura em crianças e adolescentes. Um estudo em escolas secundárias**. Coimbra: Quarteto, 2000.

SOUSA, Maria Elisa & GOMES, José António. **Ler é preciso? A escola e a leitura**. São Paulo: Centro de Formação dos Professores de Pombal, Secção Portuguesa do IBBY, 1994.

Valor do Brincar Disponível em (http://www.dirtisgood.com/br/truth-about-dirt.html?gclid=CKL_1YSZlswCFYpZhgodWNMAnQ); acesso em 23.04.2016